

CENTRO DE ESTUDOS ANGLICANOS – CEA

Liberalismo

(Verbete extraído do Dicionário de Teologia, da Abingdon Press)

(Trad. Dom Sumio Takatsu)

Caracteriza-se o liberalismo na teologia por um profundo respeito pela autoridade da razão e da experiência na religião, pela abertura à cultura, pela sua disposição de adaptar expressão teológica às formas culturais e pela contínua flexibilidade na interpretação de seus textos sagrados e práticas de sua tradição. Sua antítese é conservadorismo ou, em sua forma extremada, fundamentalismo, que coloca a autoridade dos textos sagrados e as práticas acima da razão, da experiência é antagônico, não raras vezes, às formas culturais e literalistas na interpretação de seus textos e práticas. O liberalismo se encontra tanto no cristianismo católico romano quanto no protestante bem como no judaísmo, islamismo, nas religiões orientais com teologias bem desenvolvidas tais como budismo e hinduísmo.

O liberalismo no Ocidente surgiu do Iluminismo do século XVIII, o qual atribuiu à razão e à experiência lugar destacado e sem precedência. À medida que a confiança na razão e na observação passava da filosofia e ciência para os estudos históricos, crítica literária e moral, as religiões foram forçadas a resistir às novas conclusões racionais e empíricas ou adaptar suas teologias para se harmonizar com a razão e experiência.

O liberalismo se adapta. Todavia há muitas formas de adaptação e o que é liberal para um grupo é, freqüentemente, muito conservador para o outro. Friedrich Schleiermacher, teólogo alemão (1768-1834) é considerado o pai do liberalismo teológico por defender a posição de que as doutrinas têm sua base na consciência religiosa e não numa realidade externa da revelação. Evitou assim, o conflito com as visões científicas do mundo. No entanto, os "desprezados cultos" da religião, aos quais ele dedicou sua obra mais famosa, o consideraram conservador, porque ele confessava a fé cristã. Do mesmo modo, os evangélicos protestantes são liberais quando vistos da perspectiva fundamentalista, no entanto, eles se consideram dissociados do liberalismo. Os liberais demonstram sua

flexibilidade e adaptabilidade em quatro áreas. Sendo liberal numa dessas áreas o teólogo(a) não significa que, necessariamente, o seja noutras áreas.

(1) A primeira se refere à análise científica de textos sagrados e da prática com respeito às suas origens, à sua construção nos seus contextos históricos e ao seu significado teológico. Os teólogos liberais estudam os textos sagrados e a prática com a aplicação dos métodos científicos e críticos históricos. Karl Barth (1886-1986) aceitou esse método e, por essa razão, é rejeitado como liberal pelos fundamentalistas. No entanto, Barth considerou Schleiermacher como liberal, porque este construiu sua visão antropológica sob a base da experiência e não da revelação. Hans Kung perdeu a posição de teólogo da Igreja Católica Romana por questionar a prática da infalibilidade papal e é tido como liberal pelos teólogos conservadores católicos romanos que consideram a prática da infalibilidade inquestionável. No entanto, em outros aspectos da teologia, Hans Kung é tradicional.

(2) A segunda área é a formulação da natureza do ser humano por meio de estudos humanísticos, sociais e científicos anteriores à interpretação do ser humano por qualquer religião. Esta é a área em que Schleiermacher foi pioneiro e na qual Paul Tillich (1886-1965) e outros se perseveraram. Tillich conduziu a sua análise do ser humano, inclusive a angústia e condição difícil da humanidade, em termos existenciais e, então interpretou a Bíblia nos mesmos termos, de modo que pudesse correlacionar a mensagem da Bíblia com as questões que o ser humano coloca. A escola empírica de teologia da Universidade de Chicago conduziu semelhante método com a filosofia de Whitehead. Eles são Charles Hartshorne e Bernard Meland. Edward Schillebeekx e David Tracy, na tradição católica romana também fizeram o uso de análises da experiência humana para interpretar os textos e práticas sagrados.

[Nota do Tradutor: Aqui, para fazer um pouco de justiça à teologia de Tillich é preciso dizer que é difícil categorizar sua teologia sistemática. As fontes de sua teologia são a Bíblia, a história da Igreja, da cultura e da religião. A Bíblia é fonte principal porque contém o testemunho original dos eventos sobre os quais se baseia o cristianismo, mas não é a única fonte, porque sem o preparo da história da religião e da cultura a Bíblia não poderia ser escrita ou recebida. Os teólogos devem pesquisar a Bíblia recorrendo aos métodos críticos históricos, à medida que refletem sobre a preocupação com o que estão estudando e a devoção ao mesmo. Este ponto se enquadra no item (1) acima. Ele mesmo diz ter sido muito inspirado e ajudado por Martin Kahler, que escreveu sobre o Cristo da fé e o Jesus histórico. A história da Igreja deve ser incluída na fonte da teologia sistemática, porque a formação do Cânon bíblico é um evento que ocorreu na

história da Igreja. Tillich se situa entre dois extremos - o biblicismo radical e a posição da Igreja Católica Romana. Não se pode ser contemporâneo do Novo Testamento passando por cima da história e não se pode limitar a teologia aos estudos dogmáticos de sua tradição eclesiástica. Tillich recorre ao princípio, a que ele denomina de protestante, e que se opõe "a identificação da preocupação última com qualquer criação da Igreja, inclusive o escrito bíblico enquanto testemunho do que é a preocupação última é a expressão condicionada de sua própria espiritualidade" (ST vol 1, 1951). O teólogo é livre para usar a história da Igreja e a examinar criticamente, sem ser obrigada pela mesma. A terceira fonte é a história da religião e cultura, porque ela fornece subsídios, devido ao fato de que a linguagem que os teólogos usam, a cultura em que vivem e se educam e o contexto político e social em que trabalham influem cada expressão teológica que se elabora. A cultura é a fonte principal das questões existenciais que a teologia procura responder, determinando assim a forma de cada resposta teológica derivada da Bíblia e da história da Igreja. Normas da teologia: As fontes da teologia sistemática e as experiências que as medeiam são julgados pelo que Tillich denomina de "norma da teologia". Ela é necessária porque todas as fontes e todas as experiências não têm o mesmo valor. A não ser que haja algum princípio, em relação ao qual as fontes e experiência sejam submetidas, a teologia cristã não tem conteúdo definido e a teologia não pode ter nenhuma organização. Em sua geração Tillich percebeu a necessidade de se ter uma nova expressão da norma, que expressasse a situação peculiar do seu tempo, como ele descreveu, "rompimento, conflito, autodestruição, sem sentido e desespero em todas as áreas da vida,"(ST 1, 49). A realidade que sobrepuja a alienação, que possibilita a reconciliação, criatividade e esperança, a nova criação (2Co 5.17), novo ser em Jesus Cristo, objeto do vol II. Esse é o critério para o uso de todas as fontes da teologia sistemática.]

(3) A terceira área é a compreensão da origem e continuação do universo em termos científicos, especialmente, no que se refere à evolução e astrofísica e a adaptação das doutrinas da criação e providência para se encaixar aos dados científicos.

(4) A quarta área se refere à aceitação da moralidade essencialmente independente do comando de Deus ou dos mandamentos dos textos sagrados. Os liberais negam a importância da religião para a moral com respeito à motivação e dedicação e pessoal ao bem, mas o conteúdo da moralidade é fundado na situação humana e é cognoscível fora da revelação divina especial.

A força do liberalismo está na sua convicção de que a religião deve dar sentido à vida para sobreviver. O liberalismo tem demonstrado grande capacidade para interpretar a teologia, à luz da

compreensão humanística e científica. Sua fraqueza é o risco de tal adaptação ameaçar a harmonização passada e escorregar para o ceticismo ou secularismo.